



Complexidade, subjetividade e gestão das relações colaborativas na economia solidária

Maristela Miranda Vieira de Oliveira¹
Maria Inês Corrêa Marques²

Resumo: Essa pesquisa teve como objetivo analisar aspectos da subjetividade individual e coletiva de agentes econômicos representantes da Economia Solidária, numa perspectiva de gestão das relações colaborativas. A metodologia utilizada foi o Estudo de Caso e os dados de pesquisa foram analisados a partir de entrevistas narrativas e elaboração de redes semânticas. As observações e a investigação revelaram a importância de reconhecer o individual e o coletivo para a formação de estratégias de gestão das relações colaborativas, de perceber o que une e o que diferencia um grupo a partir das suas individualidades, e que o diálogo entre o individual e o coletivo transita pela harmonização dos perfis em um movimento de aceitação do outro, jamais exclusão ou padronização. O desafio da gestão das relações colaborativas está em promover esse encontro por meio do desenvolvimento de novos instrumentos e da escolha assertiva das ferramentas, na perspectiva de entrelaçar a racionalidade e a subjetividade para responderem aos princípios e valores do Movimento de Economia Solidária, facilitando os processos de reconhecimento de si e do outro para o fazer coletivo.

Palavras – Chaves: Economia Solidária, complexidade, subjetividades, gestão.

Complexity, subjectivity and management of collaborative relationships in the solidarity economy

Abstract: This research aimed to analyze aspects of the individual and collective subjectivity of economic agents representing the Solidarity Economy, from a perspective of managing collaborative relationships. The methodology used was the Case Study and the research data was analyzed based on narrative interviews and the elaboration of semantic networks. Observations and research revealed the importance of recognizing the individual and the collective for the formation of management strategies for collaborative relationships, of understanding what unites and what differentiates a group based on its individualities, and that the dialogue between the individual and the collective moves through the harmonization of profiles in a movement of acceptance of the other, never exclusion or standardization. The challenge of managing collaborative relationships is to promote this meeting through the development of new instruments and the assertive choice of tools, with a view to intertwining rationality and subjectivity to respond to the principles and values of the Solidarity Economy Movement, facilitating the processes of recognition of self and others for collective action.

Keywords: Solidarity Economy, complexity, subjectivities, management.

¹ Doutora em Difusão do Conhecimento. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Rede de Pesquisa em Conhecimentos e Tecnologias – REDEPECT. maristela.miranda@uesb.edu.br

² Doutora em Educação. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Rede de Pesquisa em Conhecimentos e Tecnologias – REDEPECT. br3imarques@yahoo.com.br

Introdução

A Economia Solidária representa uma forma alternativa de produção, comercialização e consumo, integrando práticas cooperativistas e associativistas que vêm se consolidando como política pública no Brasil desde o final da década de 1990. A partir do questionamento sobre o comportamento econômico tradicional, estritamente baseado na economia de mercado, essa nova forma de se fazer economia transformou-se em Movimento Social ao longo desses anos e apresenta uma perspectiva econômica fundamentada na cooperação, solidariedade, autogestão e formação de redes.

O limiar dessa nova maneira de se promover uma dinâmica socioeconômica iniciou-se no Brasil tomando a forma de cooperativas autogestionárias, com a recuperação de fábricas falidas (SINGER, 2002), evoluindo, na década seguinte, para programas de governos municipais e estaduais, dando origem a um conjunto de políticas que orientaram o desenvolvimento e fortalecimento de organizações de produção associada (FISCHER, 2002; FRANÇA FILHO, 2006).

A partir de então, agentes de desenvolvimento financiados pelo Estado tornaram-se parceiros no compromisso de contribuir para o fortalecimento e desenvolvimento da Economia Solidária, tais como prefeituras, secretarias de governos, bancos de desenvolvimento, ONGs e também as universidades, por intermédio de suas incubadoras. Tudo articulado via parceria entre os governos nos níveis federal, estadual e municipal, visando um novo horizonte para as iniciativas cooperativas e associativas de caráter popular solidário dentro de uma perspectiva de desenvolvimento local (GAIGER, 2000)

A atuação entre agentes de desenvolvimento e as iniciativas cooperativistas e associativistas aconteceu de diversas maneiras, tais como a criação de espaços públicos para favorecer a comercialização, criação de conselhos municipais, criação de instituições financeiras com fins específicos de facilitar o acesso ao crédito, criação de linhas de crédito específico para empreendimentos solidários e, concomitante a tudo isso, publicação de editais visando a criação de incubadoras universitárias que, por vias de atividades extensionistas, passaram a cumprir o papel de desenvolvimento de pesquisas, acompanhamento e fortalecimento destes grupos.

Essas incubadoras tornaram-se um espaço estratégico, desempenhando uma importante função na formação de cooperativas e grupos de produção associada, prestando assessoria contínua e ajudando-os a organizarem atividades produtivas ou de prestação de serviços, empregarem

técnicas de gestão, legalizarem seus empreendimentos, buscarem mercados e financiamentos, além de atuarem no desenvolvimento de pesquisas (SANTOS, 2002; CRUZ, 2008).

O processo de estruturação dos empreendimentos solidários e organização dos empreendedores ganhou um aporte importante das incubadoras no desenvolvimento de instrumentos de gestão. Ferramentas como diagnósticos participativos, elaboração de projetos, estudos de viabilidade econômica, planejamentos estratégicos, técnicas de avaliação em grupo, dentre outros, foram adaptados a outros processos de construção metodológica específica para o ambiente dos empreendimentos solidários e comprometidos com a produção e/ou transferência de conhecimento, com vias à emancipação social e coletiva dos grupos acompanhados.

No contexto da produção sistemática de conhecimento, tanto por meio da experiência das incubadoras universitárias, quanto a partir da implantação de disciplinas específicas em cursos de graduação, muitos questionamentos foram incorporados às pesquisas, fortalecendo o caráter interdisciplinar e agregando novos conceitos e novos olhares (SANTOS, 2002; CRUZ, 2004; HESPANHA & SANTOS, 2011)

Nesta perspectiva, e acompanhando toda a evolução do ideal de economia solidária no país, os avanços continuam acontecendo, não somente nas políticas e estrutura do Movimento Social, mas, também, no campo da construção de conhecimento, considerando, para tanto, as peculiaridades do ambiente de mobilização desta nova dinâmica econômica que aponta para a importância da subjetividade, do lugar do observador para a possível apreensão do real, do estudo da complexidade presente nestas iniciativas, e da viabilidade de novos questionamentos, novas ferramentas e instrumentos específicos para iniciativas desta natureza (HESPANHA & SANTOS, 2011).

As incubadoras universitárias tornam-se um elo estratégico entre o poder público e as iniciativas populares solidárias, atuando não somente na esfera material e política, mas também no desenvolvimento de estratégias cognitivas em um universo que contrapõe fatores culturais e perspectivas organizacionais. Lugar do encontro entre o conhecimento explícito e o tácito, onde manuais, técnicas e metodologias são confrontados com outras formas de conhecimento pessoal e incorporados à experiência individual dos grupos e seus integrantes, envolvendo aspectos subjetivos como crenças e sistemas de valores.

Enfim, os caminhos percorridos pela Economia Solidária no Brasil, nas últimas três décadas de aprendizados e conquistas, considerando não somente a construção de uma política pública, mas, principalmente, o fazer diário com grupos populares, apontam para muitos desafios, entre eles a identificação de novos questionamentos, novas pesquisas, novos instrumentos e/ou

ferramentas que viabilizem a articulação de saberes e a busca de formas outras de organização do conhecimento, capaz de transformarem-se em estratégias de empoderamento dos atores partícipes do Movimento.

Nesse sentido, o presente artigo é um recorte da pesquisa homônima realizada no Doutorado em Difusão do Conhecimento, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, cuja tese foi defendida em 2021, onde buscou-se comprovar a importância de reconhecer os aspectos da subjetividade individual e coletiva dos agentes econômicos inseridos no Movimento da Economia Solidária, a fim de repensar as estratégias de incubação e fortalecimento das relações de colaboração em organizações dessa natureza. O estudo teve como desafio a utilização de métodos objetivos para explicar realidades subjetivas, transitando pelos domínios da teoria das redes complexas, bem como elaboração e análise de redes semânticas. Nesse contexto, este artigo visa discutir, especificamente, a Rede Ritos, abordando a representação do que se torna central e periférico na conduta ritualística dos(as) artesãos(as), a partir das suas narrativas de vida.

1. Economia Solidária e a importância do estudo da subjetividade para promoção das relações colaborativas

Na Economia Solidária, os agentes econômicos se unem em organizações cooperativistas e associativistas para produzir, comercializar e distribuir bens e serviços. Nesse sentido, as relações colaborativas tornam-se essenciais ao Movimento, uma vez que nascem do encontro desses indivíduos, as possibilidades de atuação conjunta, capazes de impulsionar a criação dos empreendimentos viabilizando o diálogo entre sociedade, Estado e Mercado. Para que essas organizações sobrevivam, diante do desafio de manter-se inseridas num mercado altamente competitivo, faz-se necessário, além da união, um processo de gestão que equacione as demandas internas e externas conduzindo o grupo à realização dos seus objetivos (França Filho, 2020).

Ter objetivos em comum abre portas para a colaboração e fortalecimento de políticas socioeconômicas de geração de renda, contudo, sempre haverá o lugar das individualidades movimentando essas relações, aproximando ou afastando os agentes econômicos, independentemente do desejo coletivo. Essas individualidades são formadas pelos aspectos da subjetividade que cada pessoa desenvolve ao longo da vida, e que está presente nas decisões tomadas nos ambientes em que transitam, sejam eles religioso, político ou profissional (Gonzalez Rey, 2017). Uma vez que a gestão acontece a partir do caminhar conjunto, é preciso focar não somente no que é uno, mas também no que é diverso, a fim de trabalhar a aceitação e o sentimento de pertencimento dos pares, como estratégia de fortalecimento diante dos desafios que possam fragilizar o equilíbrio do grupo (Oliveira; Marques, 2021).

A formação do coletivo se dá pelo vislumbramento de ganhos conjuntos (espaço para vendas, atração de clientes, compras coletivas), porém, as bases de sustentação desses desejos se encontram nos símbolos, mitos e crenças que mantêm os sonhos vivos, proporcionando a energia que alimenta os sonhos coletivos. Reconhecer a existência de símbolos, mitos e crenças individuais (Morin, 2015, 2016, 2017), e acolhê-las, é tão importante quanto a descoberta de desejos coletivos, pois são esses aspectos da individualidade que acompanharão os rituais e as decisões diárias de cada um na busca por resultados.

Os aspectos da subjetividade humana reúnem símbolos, mitos, crenças, ritos e sistemas de valores (Morin, 2015), possíveis de serem organizados e significados a partir de uma lógica configuracional, para visualização da dinâmica que envolve a subjetividade individual e coletiva. Os sentidos subjetivos expressos através de lembranças, temporalidades, expressões e referências afetivas estão presentes nos símbolos que seriam, também, as unidades primárias para construção dos mitos. A partir desses mitos, as demais expressões da subjetividade vão sendo observadas para, enfim, permitirem a visualização da lógica configuracional revelada nessa dinâmica (Gonzalez Rey, 2003; Mitjans Martínez, 2020).

A Economia Solidária é baseada na produção associada, onde a dinâmica de mobilização e avanço das organizações acontecem a partir do estar juntos, mantendo o vínculo de parceria não somente dentro das associações e cooperativas, como também fora delas, no contexto do Movimento Social, criando uma rede de colaboração capaz de proteger e fortalecer as atividades econômicas que ali são gestadas (Santos, 2013). O caminhar coletivo acontece no equilíbrio das relações, de forma que as diferenças não venham superar a união, porém essa união precisa acontecer em um ambiente de reconhecimento e respeito pelas diferenças, consoante os princípios articuladores do Movimento. Observar essas condições, a partir das configurações subjetivas, cria possibilidades de análise para fins de planejamento e gestão das relações colaborativas (Oliveira; Marques, 2021).

2. A importância de instrumentos que facilitem o reconhecimento da subjetividade individual e coletiva nos grupos de produção associada

Considerando as diversas organizações, sejam elas do espaço público ou privado e, principalmente, aquelas participantes do Movimento de Economia Solidária, percebe-se uma forma de segregação quando estratégias de gestão dão conta de aspectos totalmente relacionados ao mundo empresarial ou à gestão pública, deixando de dialogar com costumes, crenças e valores intrínsecos à vida nas comunidades e que se tornam fundamentais para organizações populares de produção associada.

Cientes de que o conhecimento pode ser objetivado, porém, a sua construção é um processo, observa-se a importância de se estudar novos instrumentos e ferramentas para fins de desenvolvimento de estratégias capazes de dialogar com as especificidades dos grupos populares que formam o Movimento de Economia Solidária, a exemplo da escuta de narrativas e o estudo de redes complexas.

A escuta de narrativas, enquanto instrumento de suporte para criação de estratégias de gestão, se reveste de singular importância na economia solidária, sendo o seu público constituído por adultos em comunidades de prática que antes mesmo de conhecerem a equipe de assessoria, já têm desenvolvido seus rituais, símbolos, convenções, rotinas e histórias. Nessa perspectiva, o processo de acompanhamento de grupos de produção associada por meio das incubadoras universitárias, vislumbra contribuir para a integração de pessoas e grupos que, por sua vez, deve ocorrer em espaços multirreferenciais de aprendizagem, tornando-se imperioso conhecer o mundo vivido do outro, bem como tudo aquilo que os unem ou os diferenciam. Torna-se, acima de tudo, uma atitude de respeito para com o outro e, nesse mister, vale lembrar Maturana (2011) quando prega que o respeito é diferente da tolerância, pois esta implica na negação do outro, enquanto aquele implica em se fazer responsável pelas emoções frente ao outro, sem negá-lo, de modo que o movimento se dá na aceitação das diferenças.

Logo, o espaço para a escuta de narrativas conduz a uma proposta de encontro ao outro. Ao invés de induzir a fala, permite-se a fala. O profissional, neste momento, recolhe os seus conhecimentos e se permite ouvir o outro, conhecer o outro através de suas narrativas.

Diante de tantas ferramentas e instrumentos para operacionalizar um processo de empoderamento de grupos de produção associada, as narrativas tornam-se um instrumento singular que permite receber do outro o que ele tem de mais verdadeiro dentro de si, e neste ínterim, não há quem não saiba contar, porquanto narrar é uma habilidade que todo mundo tem e faz parte do dia a dia, dos costumes, do bate papo informal, das fofocas, sendo certo, assim, que qualquer pessoa consegue fazer uma narrativa, visto tratar-se de um instrumento que já está vivo dentro de cada um. As narrativas abrem caminhos para um processo dialógico, porque primeiro é preciso conhecer o outro, para então convidá-lo para o diálogo mais assertivo. Se o lidar com grupos populares torna-se um desafio por conta de aspectos próprios de cada um que os diferenciam, e se essas diferenças levam à separação, então não há socialização sem aceitação do outro, pois qualquer coisa que destrua ou limite a aceitação do outro, desde a competição até a posse da verdade, passando pela certeza ideológica, destrói ou limita o acontecimento do fenômeno social (MATURANA, 2011).

As narrativas evocam o cotidiano, e é nesse cotidiano que moram os aspectos subjetivos necessários para construir a confiança no outro. A falta de confiança nos pares, nas instituições, nos outros grupos torna-se um inimigo capaz de enfraquecer os empreendimentos econômicos solidários.

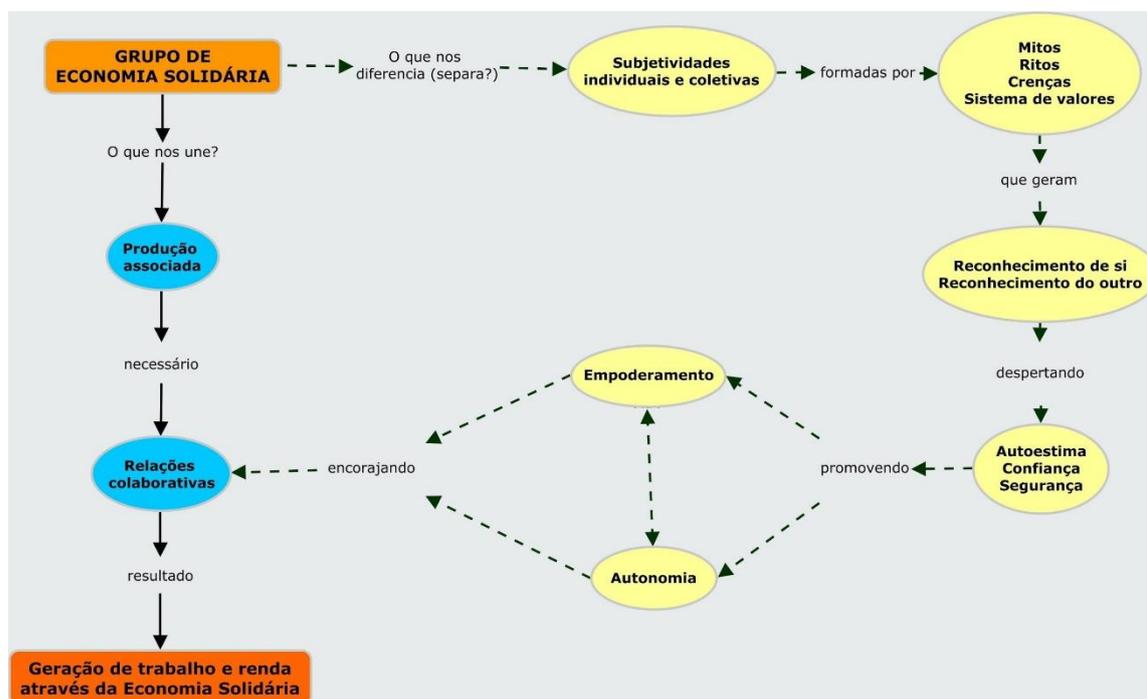
3. Configurações da subjetividade na Economia Solidária e o desafio da interdisciplinaridade

O mapa conceitual abaixo permite representar o raciocínio então construído, a partir da identificação de fatores que unem e de fatores que diferenciam os integrantes de um grupo. Nessa perspectiva, visualizam-se dois caminhos possíveis, um caminho oficial partindo por aquilo que une/integra, como a produção associada, mas que só é possível na presença de relações colaborativas, a fim de gerar trabalho e renda; e outro caminho alternativo, trabalhando com os aspectos que os diferenciam, a essência de cada indivíduo, a fim de gerar o reconhecimento de si e do outro, despertando autoestima, confiança, segurança e promovendo o empoderamento e autonomia do grupo para encorajar as relações de colaboração.

A partir da provocação inicial que motivou a elaboração desta pesquisa, questionando como aspectos da subjetividade de agentes econômicos interferem nas estratégias de gestão das relações colaborativas em grupos de produção associada, surgiu o desejo de transitar por outras ciências, para além das ciências sociais aplicadas, na busca de mais instrumentos de apoio capazes de permitir um olhar diferenciado para a estratégia de trabalho com os grupos, porém, não deixando jamais de tecer o diálogo necessário entre as áreas do conhecimento, como sugere a interdisciplinaridade.

Nesse contexto observou-se o desafio da interdisciplinaridade, na perspectiva de provocar o diálogo entre outros campos do conhecimento, sugerindo que a busca de estratégias que contribuam para o fortalecimento das relações colaborativas nos empreendimentos de economia solidária, convergem não somente para os instrumentos de gestão já reconhecidos no paradigma dominante das organizações de mercado, com seus manuais e tutoriais, mas, que se faz necessário vislumbrar outros conceitos, a exemplo da teoria da complexidade, teoria da subjetividade, mensagens narrativas e redes complexas, na perspectiva de buscar novos caminhos, como demonstrado no mapa conceitual (figura 01).

Figura 1: Mapa conceitual – O que nos une e o que nos diferencia



Fonte: elaboração própria, 2021.

Software: Cmap tools

4. O Desafio Metodológico: usar ferramentas objetivas para discutir conceitos subjetivos

Essa pesquisa assumiu o pensamento complexo, observando as dimensões da razão e subjetividade como pressupostos teóricos para discutir a racionalidade envolvida na ação de incubadoras e sua função de contribuir para o fortalecimento da Economia Solidária. Assim, criar métodos objetivos para compreender realidades subjetivas exigiu a ajuda de instrumentos e ferramentas compatíveis com o nível de complexidade envolvido na proposta, a fim de possibilitar análises compartilhadas entre a visão técnica e racional e o simbólico e abstrato.

Enquanto estudo de base teórico-empírica, empreendeu-se o exercício de interpretação consoante os fundamentos do pensamento complexo, permitindo o transitar entre a ordem, desordem e organização; a apreensão da unidade e diversidade; e a continuidade e ruptura (DOSSE 1994; MORIN, 2015). E, respondendo às perspectivas ontológica e epistemológica que definiram a estrutura deste estudo, a entrevista narrativa e a rede semântica tornaram-se instrumentos de coleta de dados coadjuvantes com o desafio proposto, tendo sido escolhidos por contribuírem para a representação do conhecimento oferecendo diferentes possibilidades discursivas, numa estratégia de integração de dados quantitativos e qualitativos.

Em se tratando da estratégia metodológica, a pesquisa contemplou a dimensão de um estudo de caso, transitando no universo da Economia Solidária e tendo como lócus de investigação um

grupo de 15 artesãos³ da cidade de Vitória da Conquista – Ba e participantes do Movimento de Economia Solidária.

A partir da escuta de narrativas, elementos da subjetividade individual e coletiva dos sujeitos imbricados com a economia solidária, tais como os mitos, ritos, crenças e sistemas de valores, foram extraídos e dispostos num sistema de representação do conhecimento, neste caso as redes semânticas, a fim de permitir a identificação dos aspectos da subjetividade do grupo a partir de seus aspectos individuais, convergindo para um repensar do processo de gestão das relações colaborativas e entrelaçamento de saberes.

Convém assinalar que o estudo das redes complexas se tornou um campo de conhecimento multidisciplinar, amplo e bastante especializado, fazendo surgir conceitos, propriedades e modelos como bases importantes para a compreensão desse tema. A rede é um grafo em que vértices (nós) estão conectados a outros por arestas. Entre as diversas aplicações das Redes Complexas está a possibilidade de representação do conhecimento a partir de uma de suas derivações, as redes semânticas. Nessas redes, utiliza-se a mineração de dados, a partir de textos, diálogos ou narrativas, com vistas a analisar o processo comunicativo. Com essa técnica é possível compreender o contexto em que as palavras surgem no decorrer do diálogo, sua posição, relevância e conexões, revelando uma lógica do relacionamento semântico com foco nas palavras e estrutura. As redes semânticas são grafos onde os nós são representados pelas palavras, e as arestas que conectam esses nós definem a relação entre eles (BARABÁSI, 2003 *apud* METZ, 2007).

Nessa perspectiva, a análise quantitativa desse estudo teve como base 26.400 palavras que compuseram 6hs 09min 27seg de narrativas, colhidas dos entrevistados, possibilitando a construção de 10 planilhas, 10 matrizes, e processamento de 04 algoritmos que funcionaram como métricas para o desenho das redes semânticas, bem como posterior interpretação dos aspectos da subjetividade evidenciados pelos profissionais de artesanato. A análise qualitativa avançou para as camadas mais profundas das relações observadas: as estratégias de gestão fomentadas pela Incubadora; e a compreensão dos aspectos da subjetividade expressos por símbolos, mitos, ritos, crenças, sonhos, temores e valores, capazes de revelar intencionalidades expressas pela linguagem comum da vida cotidiana dos profissionais do artesanato.

³ Inicialmente o quantitativo seria de 30 artesãos integrantes do Movimento de Economia Solidária, contudo, a emergência sanitária global (Covid-19) obrigou a redução do número de participantes devido o isolamento social ocorrido naquele período.

5. Resultados e Discussões: A rede dos Ritos

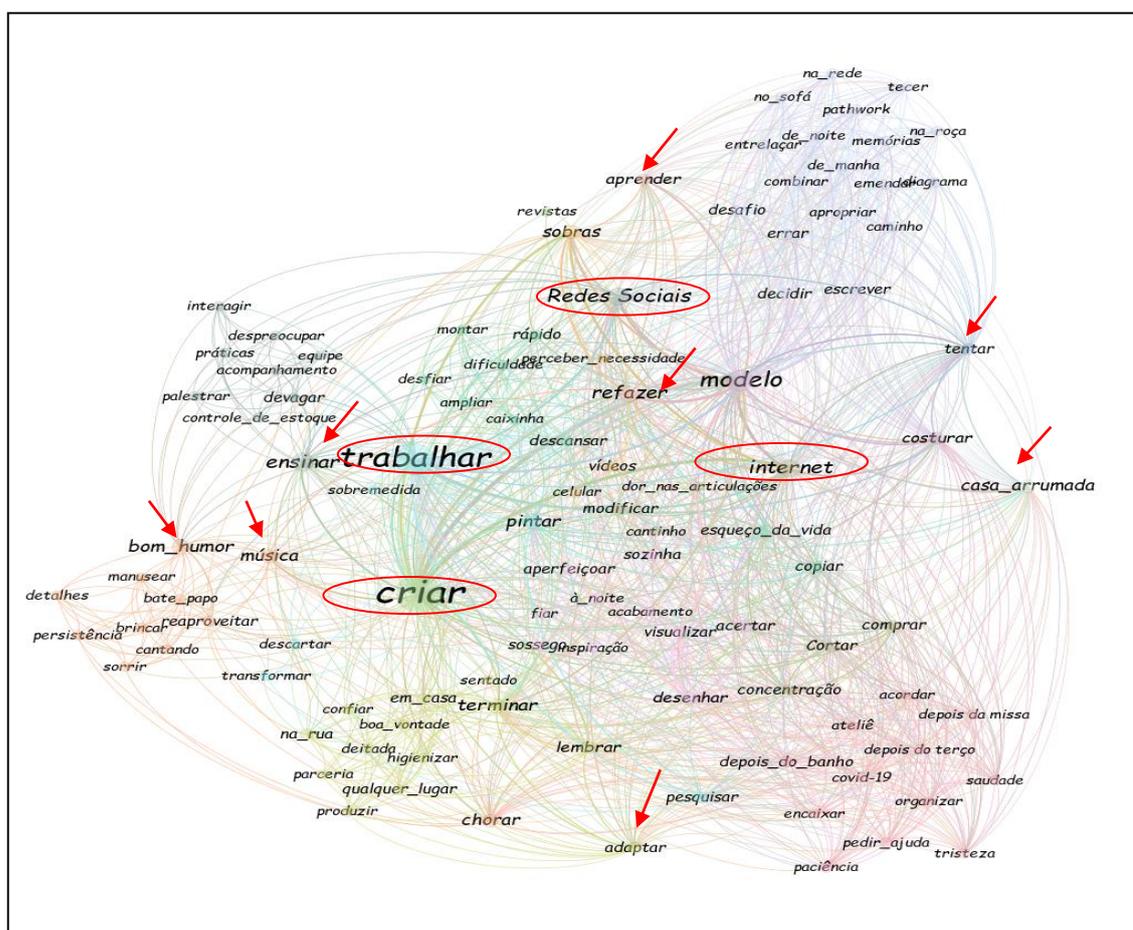
Entende-se por ritos a manifestação das crenças de um indivíduo ou comunidade que, ao se projetar para o mundo exterior, transformam-se em práticas capazes de manter laços e perpetuar culturas. Através dos ritos (danças, repetição de palavras, iniciações, celebrações, ritos de sepultamento, de casamento, de desculpas, apertos de mão, abraços, ritos de paz, ritos de guerra, rituais de amor) é possível reforçar identidades individuais e coletivas, além de transferir conhecimentos e tradições. Tornam-se, portanto, fundamentais para a compreensão da complexidade humana (MORIN, 2015; GONZALEZ REY, 2017).

A Rede Ritos, apresentada nesse artigo, revela a existência de *hubs*, poucos vértices (nós) muito conectados, em meio a muitos outros vértices com menos conexões. A importância de compreender a organização desse modelo de rede, para a análise semântica, está no fato de que os *hubs* representam palavras que conectam o maior número de narrativas, indicando a força que aquela palavra ou expressão possui na formação da subjetividade dos agentes econômicos. A identificação de um *hub* é útil devido a importância que ele assume na mensuração da resistência da rede, haja vista que as redes evoluem a partir da conexão entre os vértices (nós), e que a sua permanência indica o nível de conectividade existente, logo, se for retirado causará fragilidade na estrutura geral.

Em se tratando de uma rede semântica que apresenta as narrativas de profissionais do artesanato, a identificação de *hubs* revela palavras e expressões com forte significado no imaginário dessa comunidade. Em nível de idealização de instrumentos e ferramentas de gestão, há de ser considerado tais implicações para otimizar a comunicação junto aos agentes econômicos, bem como a visualização do lugar de importância, para o grupo, dos conceitos estratégicos na criação de uma organização produtiva adaptada à realidade daquele coletivo.

A Rede Ritos também se apresenta multicêntrica. Essa organização se torna relevante na discussão da racionalidade em volta das estratégias de fortalecimento da Economia Solidária, em especial, a proposta de estratégias de gestão das relações colaborativas. Uma vez que se pretende desenvolver um espaço inverso ao que se observa nas relações baseadas no mercado convencional, a característica multicêntrica revela que o público desse Movimento Social demonstra aproximar-se e afastar-se conforme os aspectos da subjetividade analisados, e essa constatação indica a importância de dialogar com o que é diverso, dialogar com a contradição buscando a evolução conjunta, baseado no respeito pelas diferenças e não na exclusão, como expresso na Figura 2:

Figura 2 – Ritos



Fonte: Elaboração própria, 2021.
Software: Gephi, 2021

É possível observar que os(as) artesãos(ãs) lidam com uma prática constante na sua rotina diária, revelada nas palavras “criar” e “trabalhar”, expressões fortes e centralizadas na rede. Observa-se também as palavras “aprender”, “ensinar”, “refazer”, “tentar” e “adaptar” que surgem em espaços bastante opostos na rede, sugerindo pessoas com perfis bastante individualizados e apontando para a importância de reconhecer cada indivíduo em seu espaço de representatividade

Fica revelado, também, que “redes sociais” e “internet” integram os rituais dos(as) artesãos(ãs), apontando o vínculo que mantêm com o ambiente externo e as novas tecnologias de comunicação, desmistificando a impressão de que, por aderirem ao trabalho manual, estariam fechados para o novo, ao contrário, essa informação acaba por revelar o valor que o artesanato tem nas suas vidas, não sendo algo efêmero que poderia ser desprezado diante das novidades contemporâneas. O(a) artesão(ã) utiliza-se de ferramentas modernas para valorizar sua arte, compartilhar conhecimentos e trocar experiências,

A “casa arrumada”, o “bom humor”, a “música” retratam o aspecto íntimo revelado nos rituais desses profissionais, onde o trabalho e o prazer caminham juntos, misturando-se com as rotinas familiares e a dedicação ao lar. Nesse sentido, comprovam as seguintes falas:

...depois que eu tomo meu banho, assisto minha missa, rezo o meu terço, aí vou pro meu quartinho do ateliê e vou pesquisar alguma coisa na internet (...) enquanto estou no meu artesanato esqueço do mundo, não sei nem que o mundo existe. (Narrativa 11)

...gosto muito de fazer minhas coisas quanto estou ouvindo músicas, mas barulho me atrapalha (...) gosto de trabalhar sozinha. (Narrativa 05)

...coloco o meu celular pra tocar os hinos da igreja e isso me ajuda a trabalhar, nem vejo o tempo passar, ainda mais aqueles hinos velhos que o povo não canta mais hoje, que foi do meu tempo, e na internet a gente acha tudo. (Narrativa 14)

Essas narrativas confirmam o quanto de diferença pode existir na intenção de caminhar por aquilo que une, ou seja, o desejo de comercializar seus produtos em uma cooperativa, e o quanto essas diferenças impactam os rituais de criação dos produtos artesanais. Enquanto alguém prefere o silêncio, outro(a) produz melhor escutando seus hinos religiosos, e em ambas as circunstâncias, o ambiente acolhedor será o responsável pelas peças mais marcantes criadas com amor e cuidado.

No contexto das redes semânticas, ao apresentarem as palavras mais presentes para identificação dos rituais vivenciados no dia a dia do(as) artesãos(ãs), é possível discutir as atuais estratégias de gestão das relações colaborativas reproduzidas nas organizações de Economia Solidária do setor de artesanato, muitas das quais encorajadas pelas Incubadoras, num movimento que ambiciona a criação de espaços próprios e apropriados para o desenvolvimento de um mercado coerente com seus princípios e valores. Nessa busca, cabe refletir sobre a racionalidade presente nas ações desses empreendimentos e sobre a relação de coerência entre essa racionalidade e a subjetividade, que animam esses agentes a seguirem juntos.

Considerações Finais

Na Economia Solidária, a formação do coletivo se dá pelo vislumbamento de ganhos conjuntos (espaço para vendas, atração de clientes, compras coletivas), porém, as bases de sustentação desses desejos se encontram na perspectiva do que está intrínseco, e se revela a partir dos símbolos, mitos, crenças, ritos e valores que mantem os sonhos vivos, proporcionando a energia que alimenta os sonhos coletivos. Reconhecer a existência desses aspectos da subjetividade individual, e acolhê-los, é tão importante quanto a descoberta de desejos coletivos, pois são eles que acompanharão as decisões diárias de cada indivíduo na busca por resultados.

Concluiu-se pela importância de reconhecer o individual e o coletivo para a formação de estratégias de gestão das relações colaborativas, de perceber o que une e o que diferencia um grupo a partir das suas individualidades, e que o diálogo entre o individual e o coletivo transita pela harmonização dos perfis em um movimento de aceitação do outro, jamais exclusão ou padronização como se observa no mercado tradicional hegemônico.

Enfim, o estudo da Rede Ritos, elaborado a partir da escuta das narrativas dos(as) artesãos(ãs), comprovou o quanto de diferença existe naquilo que se quer unido, e que é no desafio de unir o díspar que acontece a transformação do indivíduo e seu grupo. É preciso caminhar pelo que une, mas sem perder de vista aquilo que os diferenciam e que reside nos aspectos das subjetividades individuais desses agentes econômicos. O desafio da gestão das relações colaborativas está em promover esse encontro através do desenvolvimento de novos instrumentos e escolha assertiva das ferramentas, na perspectiva de entrelaçar a racionalidade e subjetividade, para responder aos princípios e valores do Movimento de Economia Solidária, facilitando os processos de reconhecimento de si e do outro para o fazer coletivo.

A pesquisa na Economia Solidária, a partir de diversas estruturas, não só das incubadoras universitárias, como também de disciplinas em cursos de diversas áreas do conhecimento, além de fóruns, congressos e mapeamentos, cresce com potencial para criar soluções inovadoras capazes de atender às reais demandas dos grupos produtivos, dialogando com as diferenças, dialogando com a realidade presente, se apoderando de conceitos e instrumentos que servem à economia de mercado, a fim de desenvolver ferramentas e estratégias adequadas à sua realidade, para não se perder diante dos princípios e valores que lhes dão sustentabilidade.

Referências

CRUZ, Antônio. **Incubação de iniciativas econômicas associativas: uma agenda metodológica construída a partir da experiência** In: IV Encontro Latino-Americano de Pesquisadores em Cooperativismo (mídia eletrônica). Rosario (Argentina): UNR/ACI, 2008.

DOSSE, François. **História do Estruturalismo: o canto do cisne de 1967 aos nossos dias**. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

FISCHER, T. (org.) **Gestão do desenvolvimento e poderes locais: marcos teóricos e avaliação**. Salvador, BA: CASA DA QUALIDADE, 2002.

FRANÇA FILHO, G.C.; LAVILLE, J. L.; MEDEIROS, A.; MAGNEN, J. P. (Org.). **Ação Pública e Economia Solidária: uma perspectiva internacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de. **Solidariedade e Organizações: pensar uma outra organização**. Salvador: EDUFBA: Ateliê de Humanidades, 2020.

GAIGER, L. I. Os caminhos da Economia Solidária no Rio Grande do Sul. In: SINGER, P.; SOUZA, A. R. (Orgs.) **A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.

GONZALEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GONZALEZ REY, Fernando Luis. **SUBJETIVIDADE: Teoria, Epistemologia e Método**. São Paulo: Editora Alínea, 2017.

HESPANHA, Pedro; SANTOS, Aline Mendonça (Orgs.). **Economia Solidária: questões teóricas e epistemológicas**. Coimbra: Ed. Almedina, 2011.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2011.

METZ, Jean. **Redes Complexas: conceitos e aplicações**. São Carlos: Instituto de Ciências, Matemática e de Computação, 2007.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M. C.; PUENTES, R. V. **Teoria da subjetividade: Discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional**. São Paulo: Alínea Editora, 2020.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015

MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2017.

OLIVEIRA, Maristela Miranda de. **Complexidade, Subjetividade e Gestão das Relações Colaborativas na Economia Solidária**. Programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento, Salvador, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SINGER, P.; SOUZA, A. R. (Orgs.) **A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2002.

*Recebido em 13/08/2024.
Aprovado em 30/08/2024.*